

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SÃO PAULO**

Carlos Alberto Faria Teixeira

A influência da amizade no contexto do ensino superior: *um processo educativo necessário*

São Paulo
2013

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SÃO PAULO**

Carlos Alberto Faria Teixeira

A influência da amizade no contexto do ensino superior: *um processo educativo necessário*

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, como requisito para obtenção do título de especialista em Formação de Professores com ênfase no Magistério Superior. **Orientadora: Profa. Dra. Delacir Ramos Poloni**

São Paulo
2013

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SÃO PAULO**

Carlos Alberto Faria Teixeira

**A influência da amizade no contexto do ensino
superior: um processo educativo necessário**

Data da Defesa: ____/____/____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Delacir Ramos Poloni-IFSP _____
Orientadora

Profa. Dra. Amanda Cristina Teagno Lopes Marques-IFSP _____

Prof. Dr. Paulo Henrique Fernandes Silveira-USJT _____

À Elaine Teixeira minha esposa, aos meus filhos e aos caminhos da vida por terem me ensinado a não ser teimoso com a missão do magistério.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa Elaine e aos meus filhos Nátale e João Paulo.

Aos professores e as professoras que me formaram desde os primeiros dias de minha entrada na Educação Básica.

Aos meus pais por terem sido meus grandes educadores porque sem o esforço deles eu não estaria escrevendo estas palavras.

À professora Delacir por ter sido acolhedora e dedicada durante as nossas conversas. Ela foi mais do que orientadora, sim, ela é um dos maiores seres humanos que conheci na vida.

Ao professor Paulo Henrique por ter me ajudado na iniciação científica e ter colaborado na execução desse projeto, pois assim ele saiu do papel e se tornou realidade em minha vida.

Aos professores que compartilharam as aulas e os conhecimentos nas manhãs de terças e quintas feiras durante o Curso de Especialização no IFSP.

Aos colegas de turma por terem me ensinado suas teorias, práticas, saberes, conhecimentos, entre outras coisas. E, também, por terem construído aulas maravilhosas de debate no qual nunca me esquecerei.

A todas as pessoas que tomaram o “cafezinho” comigo durante os intervalos das aulas neste curso.

Obrigado!

“Só sei que nada sei”. Sócrates

RESUMO

A relação de amizade no processo de aprendizagem na educação do Ensino Superior é importante à formação profissional. A influência das amizades na vida acadêmica pode indicar dois caminhos possíveis. O primeiro, de modo negativo, é a má formação profissional do aluno e conseqüente decadência no ensino. E, um segundo, de modo positivo, na contribuição à boa formação profissional. O bem comum é o ponto central da discussão a respeito das relações de amizade entre os atores do processo educativo. A busca pelo bem comum, segundo Aristóteles, “é uma finalidade política”, pois a educação no ensino superior percorre os limites desse bem comum como o bem do próprio ser humano político. A Amizade pode significar uma possibilidade de caminho para um destino incognoscível, mas que contempla o mais profundo e universal das relações humanas. Portanto, é na relação de amizade que os humanos celebram a vida em sua plenitude, pois ninguém seria capaz de viver em sociedade, ou na escola, sem ao menos um amigo. No contexto social do século XXI, a educação formal e institucional está inserida no universo da formação humana e, por muitas vezes, é a única forma de se educar os seus pares. As experiências contidas nesse trabalho têm por propósito enriquecer o conceito de Amizade na relação entre professores e alunos, no âmbito acadêmico, e proporcionar uma maior reflexão da possibilidade da Amizade no ambiente escolar, nesse caso o ensino superior.

Palavras-chave: amizade; formação; ensino superior; relação professor-aluno.

ABSTRACT

The friendship in the process of learning in university is important to vocational training. The influence of academic life friendships may indicate two possible paths. The first, which is a negative way, is the poor training of the student and the consequent decline in teaching. The second way, which is positive, is to contribute to good training. The common good between both is the central point of discussion about the friendly relations between the actors in the educational process. The search for the common good, according to Aristotle, "is a political purpose," because education in university runs the limits of the common good and the goodness of the human being political. Friendship can mean a possible path to a destination unseen, but which includes the deepest and most universal of human relationships. So, it is in the friendship relationship that humans celebrate life in its fullness, because nobody would be able to live in society, or at school, not even a friend. In the social context of the twenty-first century, formal education and institutional is inserted into the universe of human formation, and is often the only way to educate their peers. The experiments contained in this paper are intended to enrich the concept of friendship in the relationship between teachers and students in the university reality, and provide a greater reflection of the possibility of Friendship in the school environment in this case in the university education.

Keywords: friendship, training, university education, teacher-student relationship.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| I. DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO..... | 16 |
| 1. Fundamentação Teórica..... | 16 |
| 1.2. A Amizade, Sociedade e Escola..... | 19 |
| 1.3. A Relação de Amizade entre o Professor e o Aluno..... | 23 |
| 2. Fundamentação Metodológica..... | 31 |
| 2.1. O Professor Companheiro..... | 34 |
| 2.2. O Professor e o Aluno na relação recíproca de amizade no ensinar e no aprender..... | 38 |
| II. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 47 |
| III. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA..... | 50 |

INTRODUÇÃO

*Definimos um amigo como aquele que deseja e faz, ou parece desejar e fazer o bem no interesse de seu amigo.
Aristóteles¹*

Na intenção de elucidar alguns anseios e dificuldades na trajetória de minha vida diante da falta de pelos menos um amigo, sobretudo a ausência de amigos direcionou-me a uma reflexão sobre as relações de amizade durante a vida, por isso que este trabalho de pesquisa foi desenvolvido, até mesmo para responder aos meus anseios do ponto de vista filosófico.

A minha primeira formação de professores foi na Licenciatura em História e, posteriormente, no Bacharel e na Licenciatura em Filosofia. No curso de Filosofia participei do Programa de Iniciação Científica Voluntária com um projeto de pesquisa referente o conceito de Amizade, no mundo antigo e medieval na perspectiva de Aristóteles, de Cícero e de Santo Agostinho.

No início do curso de especialização em Formação de Professores com ênfase no Magistério Superior já tinha o desejo de explorar a temática **Amizade** como trabalho de conclusão de curso e, desde então, comecei a relacionar os principais temas da antiguidade com os teóricos da área de formação de professores.

Iniciei a vida profissional como professor da educação básica na rede pública estadual de ensino em 2006 e na rede particular de ensino desde 2010. Nesse percurso profissional houve diversas experiências em relação professor e aluno e, por isso, percebi uma ausência do aprofundamento teórico na abordagem do

¹ ARISTÓTELES, 1987, 1166a, p.163

conceito Amizade na formação de professores, também muitos dos trabalhos que citam a relação professor-aluno são abordados apenas nos relevantes manuais de pedagogia.

Os primeiros trabalhos realizados sobre a temática Amizade se encontram nos estudos filosóficos dos clássicos pensadores da antiguidade, tais como Aristóteles, Cícero, Epicuro, entre outros, que refletiram acerca da amizade como um assunto relevante para a constituição do ser humano. (BALDINI, 2000).

No decorrer da história da filosofia, o termo amizade foi estudado por grandes pensadores tal como Santo Agostinho de Hipona, também, logo após o renascimento cultural, Bacon e Kant, mais adiante autores de importância como Schopenhauer, Nietzsche e Croce abordaram o termo amizade no formato filosófico. (BALDINI, 2000).

Na contemporaneidade outras áreas do conhecimento científico discorreram acerca da amizade na tentativa de solucionar os problemas decorrentes das relações humanas na sociedade pós-industrial: a psicologia; a psicanálise; a sociologia; a antropologia; entre outras ciências. (BALDINI, 2000).

A amizade é uma incógnita no mundo contemporâneo e a influência dela atinge as várias esferas das relações humanas. Um amigo pode influenciar os caminhos de outrem durante o longo da vida. Assim, nessa expectativa, fazemos alguns amigos durante o curso de graduação na possibilidade de se estabelecer um vínculo duradouro entre os pares.

No limite, nas palavras do filósofo e estadista romano Marcus Tullius Cícero aponta-se um aspecto relevante sobre a amizade, assim ele afirma que *“tanto mais a tenho no coração, porque em todos os séculos mal se contam seis ou oito amigos*

*verdadeiros*². Na sequência, ele exemplifica com o seu próprio testemunho, “em cujo número espera que a amizade de Cipião e de Lélío há de ser conhecida da posteridade” (CÍCERO, Diálogo sobre a Amizade, IV). Portanto, faz-se necessária uma investigação sistemática sobre influências da amizade no processo educativo da vida acadêmica do ensino superior, genericamente.

O tempo de uma graduação é relativamente curto em relação a uma vida inteira, portanto, compreende-se passá-lo construindo amizades, que segundo a divisão elaborada por Aristóteles “há, assim, três espécies de amizade” (ARISTÓTELES³, 1987, p.141) respectivamente, por ordem de importância: a amizade pelo prazer, a amizade por utilidade ou interesse e a amizade virtuosa que visa ao bem do amigo.

Na ideia de Aristóteles, se nos vinculamos a amigos no momento em que “a benevolência, quando recíproca, torna-se amizade” (ARISTÓTELES⁴, 1987, p.140), então, precisamos praticar o bem e a ética aos nossos pares durante o curso de graduação.

Para Aristóteles, “até onde vai a sua associação vai a sua amizade, como também a justiça que entre eles existe” (ARISTÓTELES⁵, 1987, p.148). Todavia, uma pessoa que não esteja acostumada a praticar ações justas – DIKÉ - pode vir a aprender sobre a justiça a partir da relação de amizade com uma pessoa justa.

Uma sociedade de pessoas justas que mantenha relações de amizade pelo bem dos amigos não precisaria de uma justiça pública, não precisaria das leis porque a lei escrita está para as pessoas que estabelecem amizade por utilidade

² CÍCERO. Diálogo Sobre a Amizade. Internet Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <http://www.utm.edu/research/iep/> acesso em: 20/12/2007

³ EN, VIII, 3, 1156a5

⁴ EN, VIII, 2, 1155b30

⁵ EN, VIII, 9, 1159b30

porque “ninguém é ofendido por um homem que o ama e lhe faz bem” (ARISTÓTELES⁶, 1987, p.153), completando “a amizade é superior à própria justiça”. (BALDINI, 2000, p.14).

Contudo, durante a graduação o estabelecimento de uma amizade virtuosa significa construir um caminho amplo ao conhecimento porque “Aristóteles de fato inclui o desprendimento que ‘devemos desejar coisas boas para um amigo em consideração dele’, (ARISTÓTELES⁷, 1987, p.140) como uma das características definidoras da amizade” (KONSTAN, 2005, p.19).

Nesta pesquisa, é relevante entender o mecanismo das relações de amizade construídas durante o curso de graduação (formação profissional no ensino superior), pois as relações interpessoais constituídas durante esse período acadêmico influenciam a pessoa tanto para o bem como para o mal.

Portanto, é relevante esclarecer os limites da amizade entre professor e aluno no processo educativo e as respectivas definições - na afirmação de Carl Rogers - o professor que “cuida, que preza, que confia no aprendiz, cria um clima de aprendizagem tão diferente do de uma sala de aula usual” (ROGERS, 1969, pp.116-117).

O trabalho tem por finalidade, em primeiro lugar, apresentar as formas clássicas do conceito **Amizade** e, em segundo lugar, compreender as relações interpessoais na formação intelectual e profissional do estudante universitário na intenção de esclarecer a formação humana no caminho do bem e da felicidade por cada ser humano.

O filósofo Aristóteles é citado na pesquisa porque as suas teorias fundamentais abarcam conceitos universais e, neste caso específico, a Amizade

⁶ EN, VIII, 13, 1162b10

⁷ EN, VIII, 2, 1155b30

aparece nos livros VIII e IX. Percorrendo a História da Filosofia não se encontra um autor com uma profunda articulação do conceito Amizade com a realidade humana. A sua aplicação Ética e Política do conceito Amizade é abrangente, pois se encontra em sua teoria uma exposição que contempla o universal deste conceito.

A Ética a Nicômaco esclarece o assunto e define detalhadamente os conceitos necessários para se aplicar na relação de amizade entre os seres humanos. Portanto, conhecer a teoria aristotélica da Amizade é fundamental para compreender os limites da relação de amizade entre professores e alunos no ensino superior.

A relação de amizade no processo de aprendizagem na educação do Ensino Superior é muito importante à formação profissional na sua totalidade. A influência das amizades na vida acadêmica pode indicar dois caminhos possíveis. Um primeiro caminho, de modo negativo, é a má formação profissional do aluno e conseqüente decadência no ensino. E, um segundo caminho, de modo positivo, a contribuição à boa formação profissional.

No aspecto positivo o aluno se desenvolve sua formação profissional e estabelece um vínculo de amizade entre ele e o professor-amigo. O caminho negativo ocorre quando não há empatia entre aluno e professor, o que influencia de forma negativa aos dois lados.

O bem comum é o mote da discussão abordada na expectativa das relações de amizade entre os sujeitos do processo educativo. Também, a busca pelo bem, segundo Aristóteles, é uma finalidade política e a educação no ensino superior percorre os limites do bem comum como o bem do próprio ser humano político.

O trabalho está disposto em Introdução, que trata de uma abordagem geral do conceito de amizade e suas inter-relações, no desenvolvimento do conteúdo tratarão das Fundamentações Teóricas e Metodológicas que versa sobre o aprofundamento dos pressupostos epistemológicos e metodologias com abordagens qualitativas apropriadas para elucidar as especificidades epistemológicas, as Considerações Finais são articuladas mediante a construção do objeto de pesquisa e a conexão do caminho percorrido e as Referências Bibliográficas identificam os títulos básicos e complementares utilizados neste estudo.

I. Desenvolvimento do Conteúdo

Quem encontrou um amigo encontrou um tesouro...

Eclesiastes 6, 14

1. Fundamentação Teórica

A presente pesquisa tem como pressuposto apresentar alguns aspectos do conceito de amizade (enquanto categoria filosófica) no ambiente acadêmico e como professores e alunos estabelecem o vínculo de amizade durante o processo educativo no ensino superior.

A base teórica desse estudo está alicerçada na revisão bibliográfica tanto a releitura como a reflexão de clássicos pensadores do mundo antigo e contemporâneo que apresentaram a relevância do conceito de amizade e como a sua influência concorre tanto para o bem quanto para o mal.

Segundo o comentário de Baldini, “na verdade, os filósofos da antiguidade dedicaram à amizade uma atenção muito especial” (2000, p.10), por exemplo, o filósofo Platão “dedicou a esse tema um diálogo inteiro (*Lísis*)” (2000, p.10).

Outro exemplo importante, como explica o pensador Baldini, “Aristóteles expressou as suas reflexões principalmente em dois livros (oitavo e nono) da *Ética a Nicomaquéia*” (2000, p.10).

Há outros filósofos na história da filosofia que estudaram o assunto da amizade, “Epicuro, Sêneca e Cícero, só para lembrar alguns nomes, procuraram descobrir quais seriam as qualidades do amigo ideal, como também qual seria o papel e a função da amizade” (BALDINI, 2000, p.10).

No período que marca a transição da Idade Média ao Renascimento Cultural na Europa, surgiram alguns filósofos que trataram da amizade em determinados momentos Francis “Bacon, por exemplo, trata disso apressadamente, dedicando-lhe umas poucas páginas em seus célebres *Ensaio*s, e Kant faz o mesmo em suas Lições de Ética.” (BALDINI, 2000, p.11).

A compreensão do conceito de amizade no mundo antigo favorece um melhor entendimento das relações de amizade no mundo contemporâneo. Embora, faz-se necessário também, a exploração do tema amizade no mundo contemporâneo nas suas considerações fundamentais, pois se percebe, de modo geral, uma confusão acerca do assunto.

Segundo Baldini, “Aristóteles, por exemplo, nos forneceu a mais célebre definição de amigo (um amigo é ‘uma única alma em dois corpos’)” e, prossegue em seu pensamento, “Cícero, a respeito da amizade, diz o seguinte: “A amizade é nada mais do que um entendimento perfeito entre as coisas divinas e humanas, junto com o sentimento de se querer bem e amar-se mutuamente”.” (BALDINI, 2000, p.10).

A má compreensão do conceito de amizade provoca muitas discórdias nas relações interpessoais, principalmente na dimensão dos reais e necessários limites nos vínculos de amizade entre as pessoas ao longo da vida.

Portanto, se entender o conceito ‘amizade’ favorece uma melhor convivência entre os pares nos mais diversos ambientes, então, compreender a dinâmica da amizade no ambiente universitário favorece uma melhor convivência entre professor e aluno.

No comentário de Baldini, “no século XX, porém, acontece finalmente um fato novo: sociólogos, psicanalistas e psicólogos começam a investigar, no emaranhado das próprias malhas teóricas, a amizade em suas dobras mais sutis.” (BALDINI,

2000, p.11). Alguns dos mais importantes pensadores do século XX, “Schopenhauer, Nietzsche e Croce também escreveram sobre a amizade” conclui Baldini (2000, p.11).

Pois, somente, na busca de um rico e vasto sistema de ideias e reflexões nos autores da antiguidade torna-se possível pontuar e desenvolver uma reflexão a contribuir para o mundo contemporâneo, que neste caso específico trata-se da relação professor-aluno no ensino superior.

No entendimento da relação de amizade entre professor e aluno faz-se necessário uma maior compreensão de relevantes fundamentos, tais como: o conceito de relação de amizade; o conceito de sociedade; o conceito de escola; os pressupostos teóricos da História da Filosofia; o papel dos atores da educação, e conceitos da formação de professores pertinentes à reflexão docente.

1.2. A Amizade, Sociedade e Escola

Em primeiro lugar, a discussão referente à relação de amizade dentro do processo pedagógico necessita de algumas definições sobre o que seja: a sociedade; a pedagogia; a amizade; a escola; a sala de aula; e as suas respectivas importâncias no contexto social.

Segundo Konstan (2005, p.1), a amizade é “um vínculo mutuamente íntimo, leal e amoroso entre duas ou algumas pessoas” e não há uma regra, ou ideia, ou motivos estabelecidos para ocorrer os vínculos de amizade porque ele afirma que: “podemos fazer amigos por acaso ou ser atraídos por eles por motivos misteriosos”. (KONSTAN, 2005, p.1). Nesta perspectiva, esta pesquisa se fundamenta na necessidade da alteridade, isto é, a existência do outro no cotidiano da vida em sociedade.

Na história da filosofia antiga, para Konstan (2005, p.2), “nega-se que os termos traduzidos por “amigos” ou “amizades”, no grego ou latim antigos envolvam a intimidade pessoal e afeição, associadas com a concepção moderna”, ou seja, na relação histórica, o conceito *philia* recebe várias formatações e se apresenta de modo único para cada época. Portanto, “muitas vezes é enganoso ou simplesmente errado traduzir esse termo como “amizade”, embora essa prática seja bastante generalizada, como, por exemplo, nas versões inglesas dos livros oito e nove do [livro] *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles.” (KONSTAN, 2005, p.13).

Segundo o filósofo grego, “há, assim, três espécies de amizade.” respectivamente, por ordem de importância: a amizade pelo prazer, a amizade por utilidade ou interesse e a amizade virtuosa. A amizade por utilidade acontece

frequentemente nas relações mercantis e a amizade por prazer se aproxima do conceito de amizade virtuosa porque ambas recebem a troca do prazer e gozam ao mesmo tempo. A amizade por prazer é mais duradoura do que a amizade por utilidade, porque no prazer há amor um pelo outro. Na amizade por utilidade podemos estabelecer uma relação dos contrários por causa da dependência de um pelo outro. Em vários pontos podemos estabelecer um critério de igualdade, até mesmo entre os desiguais. Entre os bons existem semelhanças, no que diz respeito à virtude, um faz o bem ao outro e não se maldizem. Há igualdade na amizade por utilidade ou por prazer e estas tem maior duração por haver um objeto de vínculo em comum, porém, uma vez subtraído este objeto acaba-se a amizade.

A amizade é caracterizada como tal por sua semelhança de atitudes. Na amizade por virtude há o prazer e a utilidade e, neste ponto, são semelhantes. Todavia, na amizade por virtude a calúnia não perturba a estabilidade e a permanência, assim como, nos outros tipos de amizade. Então, podemos dizer que a diferença entre a amizade por virtude e a amizade por utilidade ou prazer se fundamenta na permanência.

Então, Aristóteles afirma que: “a amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude”, ou seja, pessoas virtuosas e justas estão preparadas para as relações de amizade, uma vez que sabem retribuir de maneira correta o que recebem, pois tem a justa medida, termo este conhecido pelos antigos como *diké*. (ARISTÓTELES, 1987⁸, p.141).

Segundo Regina Haydt, a definição de pedagogia se baseia no “estudo sistematizado da educação. É a reflexão sobre as doutrinas e os sistemas de

⁸ EN, VIII, 2 e 3, 1156a - 1156b

educação” (HAYDT, 2003, p.13). A autora enfatiza que o processo pedagógico acontece nas relações humanas e fundamentado a partir de um grupo social.

E, não obstante dessa problemática, ela apresenta que “cada classe constitui um grupo social. Dentro desse grupo, que ocupa o espaço de uma sala de aula, a interação social se processa por meio da relação professor-aluno e da relação aluno-aluno” (HAYDT, 2003, p.55).

Segundo as antropólogas Marconi e Presotto, “a organização política de um povo abrange o conjunto de instituições através das quais se mantêm a ordem, o bem-estar e a integridade do grupo, sua defesa e proteção” (MARCONI, 2010, p.137). E é na atividade docente que o professor universitário contribui, direta e indiretamente, à manutenção da organização política e social.

Na ideia política do filósofo grego, Aristóteles, “toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer” (ARISTÓTELES⁹, 1987, p.9), pois a sala de aula é um micro espaço de ação social para o bem comum. Assim como, na referência do conceito acima explicitado – pelas professoras Marconi e Presotto – a relação professor-aluno também se fundamenta na manutenção da ordem social, na promoção da vida humana, na formação intelectual, entre outros aspectos.

Na perspectiva de ordem social, o filósofo Michel Foucault afirma que a alma humana é educada pela observação e pelo controle da própria sociedade, também, a educação se torna uma função fundamental para a manutenção do poder e da organização da sociedade, pois,

Não se deveria dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirmar que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em torno, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que

⁹ EN, I, 1, 1094 a, 1

são punidos – de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência. (FOUCAULT, 1983, p.31).

Tal controle revela a esfera do cidadão político que está vinculado a uma sociedade coercitiva e “educadora” dos seus habitantes. Embora, podemos afirmar a existência da amizade entre o professor e o aluno, não obstante, precisamos entender o professor como preservador e divulgador da cultura vigente e, na concepção de Michel Foucault, como controlador, treinador e observador, também, dos alunos.

Na abordagem histórico-cultural de Vygotsky, a professora Marta Kohl de Oliveira apresenta uma relevante reflexão:

A abordagem que busca uma síntese para a psicologia integral, numa mesma perspectiva, o homem enquanto corpo e mente, enquanto ser biológico e ser social, enquanto membro da espécie humana e participante de um processo histórico. (OLIVEIRA, 1997, p.23).

Também, participa da sociedade, recebe a cultura, preserva-a, transmite-a com ou sem modificações.

A professora Marta Kohl comenta que “se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então, a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas” (OLIVEIRA, 1997, p.61) e, portanto, nas sociedades que tem a formação escolar e acadêmica o professor tem esse relevante papel social de contribuir para impulsionar a sociedade ao desenvolvimento da sua totalidade.

1.3. A Relação de Amizade entre o Professor e o Aluno

O Professor Masetto define que o relacionamento entre docentes e discentes tanto no grupo como pessoalmente “se destaca como fundamental no processo de aprendizagem e se manifesta na atitude de mediação pedagógica por parte do professor” (MASETTO, 2010, p.175). A parceria entre professores e alunos deve existir uma vez que no ensino superior espera-se que haja uma interação madura e consciente por ser uma relação entre “adultos”. Tanto que Masetto esclarece um ponto muito importante para um melhor entendimento das relações humanas:

Não defendo que os alunos no ensino superior demonstram a mesma maturidade que nós [os] professores. Estou afirmando que o aluno do ensino superior, desde seu primeiro ano de faculdade, é capaz de iniciar e desenvolver um relacionamento adulto com seus professores, o qual se caracteriza por assumir com responsabilidade o processo de aprendizagem. (MASETTO, 2003, p. 52).

Na sala de aula, o professor pode ser amigo dos seus alunos, em contrapartida, também se relaciona com os alunos numa posição de poder, pois “a característica essencial da organização política é o exercício do poder” (MARCONI, 2010, p.137). Contudo, ser autoridade não é um problema em si mesmo, pois o educador Paulo Freire tem outra visão sobre este conceito porque “a autoridade não necessita de, a cada instante, fazer o discurso sobre sua existência, sobre si mesma”, assim Freire continua, pois “segura de si, ela é porque tem autoridade, porque a exerce com indiscutível sabedoria” (FREIRE, 1996, p.91).

A explicação do Professor Libâneo referente à autoridade docente abrange a seguinte reflexão que “na sala de aula o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas” (LIBÂNEO, 1994, p.251) e, por isso, não necessita de aplicar castigos tanto temporais por meio da verbalização quanto castigos corporais como outrora ocorrera na história da pedagogia.

Libâneo afirma que:

O professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos, seleciona e organiza os conteúdos, escolhe métodos, organiza a classe. Entretanto, essas ações docentes devem orientar os alunos para que respondam a elas como sujeitos ativos e independentes. A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la. (LIBÂNEO, 1994, p.251).

O filósofo francês Michel Foucault, discorre sobre uma ideia referente ao suplício, no qual, o castigo corporal até meados do século XIX fora uma rotina da educação social de que “(...) era sua materialidade na medida em que ele é instrumento e vetor de poder; era toda essa tecnologia do poder sobre o corpo, que a tecnologia da alma – a dos educadores, dos psicólogos e dos psiquiatras” (FOUCAULT, 1983, p.32) se fundamentava, ou seja, os castigos corporais eram aplicados também pelos educadores no sentido do efetivo controle social e, prossegue o filósofo, “não consegue mascarar nem compensar, pela boa razão de que não passa de um de seus instrumentos” (FOUCAULT, 1983, p.32) de coerção moral e política.

Entrementes, o professor no exercício da docência almeja a felicidade, mas, assim como, na citação do filósofo ateniense Aristóteles “o objetivo da vida política é o melhor dos fins, e essa ciência dedica o melhor de seus esforços a fazer com que

os cidadãos sejam bons e capazes de nobres ações” (ARISTÓTELES¹⁰, 1987, p.18), então, o professor também precisa proporcionar o bem aos seus alunos e entender que sua função é ser nobre para que seus alunos sejam nobres. Vale ressaltar uma máxima (aforismo) sobre o conceito de amizade em Aristóteles, pois ele cita uma ideia do pensador Grego – conhecido por Téognis: “*(aprender) ações nobres de homens nobres*” (ARISTÓTELES¹¹, 1987, p.175).

Outra relevante atitude para se buscar a felicidade e proporcionar a felicidade aos alunos é conhecer e favorecer a amizade com os personagens do processo educacional, e assim, nas palavras do professor Masetto:

São integrantes de um processo de aprendizagem no ensino superior os professores, os alunos, o monitor e a direção, e espera-se que interajam entre si para incentivar o processo de aprendizagem. (MASETTO, 2003, p. 47).

Portanto, conhecer tais personagens, segundo Masetto, perpassa pela humildade de reconhecer os papéis sociais de cada um dos componentes da universidade, ou seja, todas as pessoas que fazem parte da instituição escolar são *co-laboradores* do processo de aprendizagem desde aquele que elabora as leis até aqueles que limpam as dependências da universidade.

O bem comum aristotélico se relaciona com o processo de aprendizagem na sua totalidade e “tanto o vulgo como o homem de cultura superior dizem ser esse fim a felicidade e identificam o bem viver e o bem agir como o ser feliz” (ARISTÓTELES¹², 1987, p.11). E buscar o bem comum necessita de convivência e

¹⁰ EN, I, 9, 1099 b30

¹¹ EN, IX, 12, 1172a

¹² EN, I, 4, 1095a15

de amizade, pois “ele se relaciona para com seu amigo como para consigo mesmo (pois o amigo é um outro “eu”)” (ARISTÓTELES¹³, 1987, p.164).

Segundo o educador Masetto, “a mediação pedagógica coloca em evidência o papel de sujeito do aprendiz e o fortalece como ator de atividades que lhe permitirão aprender e alcançar seus objetivos” (MASETTO, 2003, p. 49-50), pois “o que nós buscamos aqui é algo de atingível” (ARISTÓTELES¹⁴, 1987, p.14). A relação professor-aluno explicitada por Masetto aproxima-se do pensamento de Aristóteles sobre o conceito da amizade na pólis ateniense, “que [assim] devemos desejar-lhes o bem no interesse deles próprios. Mas aos que desejam bem dessa forma só atribuímos benevolência, se o desejo não é recíproco; a benevolência quando recíproca, torna-se amizade” (ARISTÓTELES¹⁵, 1987, p.140).

Segundo o filósofo ateniense, “as pessoas não podem conviver se não são agradáveis umas às outras e não se deleitam com as mesmas coisas, como parecem fazer os amigos que são também companheiros” (ARISTÓTELES¹⁶, 1987, p.144). Ele continua seu discurso sobre a amizade:

Ora, essas razões diferem uma das outras em espécies; portanto, é em espécie que diferem também as correspondentes formas de amor e de amizade. Há, assim, três espécies de amizade iguais em número às coisas que são estimáveis; pois como respeito a cada uma delas existe um amor mútuo e conhecido, e os que amam desejam-se bem a respeito daquilo por que se amam. (ARISTÓTELES¹⁷, 1987, p.141).

¹³ EN, IX, 4, 1166a30

¹⁴ EN, I, 6, 1096b30

¹⁵ EN, VIII, 2, 1155b30

¹⁶ EN, VIII, 5, 1157b20

¹⁷ EN, VIII, 3, 1156a5

Masetto reforça a ideia sobre a relação de amizade no processo pedagógico, logicamente, na perspectiva aristotélica de bem comum e baseada nas três diferentes formas de amizade, assim,

A atitude de parceria e co-responsabilidade entre o professor e aluno visando desenvolver o processo de aprendizagem se estabelece e se fortifica mediante atitudes e comportamentos que os colocam juntos, lado a lado trabalhando pelos mesmos objetivos, como equipe de trabalho. (MASETTO, 2003, p. 50).

Na pressuposição, a parceria ressaltada por Masetto entre o professor e o aluno na universidade, nos lembra de Aristóteles na seguinte afirmação: que “se existe uma finalidade para tudo que fazemos, essa será o bem realizável mediante a ação” (ARISTÓTELES¹⁸, 1987, pp.14-5) e, prossegue o filósofo, “a felicidade é, portanto, algo absoluto e auto-suficiente (*sic*), sendo também a finalidade da ação.” (ARISTÓTELES¹⁹, 1987, pp.14-5). Entretanto, no processo pedagógico o ambiente universitário também pode ser entendido como um lugar para se buscar a felicidade.

A sala de aula na universidade precisa ser agradável e propícia à formação dos alunos e dos professores porque ambos são os principais responsáveis do processo de ensino e aprendizagem na intenção de se buscar a felicidade, pois “as pessoas não podem conviver se não são agradáveis umas às outras e não se deleitam com as mesmas coisas, como parecem fazer os amigos que são também companheiros” (ARISTÓTELES²⁰, 1987, p.144). Neste caso, Masetto propõe um possível caminho para tornar o ambiente universitário harmonioso e agradável aos autores do processo educacional, portanto que:

¹⁸ EN, I, 7, 1097a20

¹⁹ EN, I, 7, 1097b20

²⁰ EN, VIII, 5, 1157b20

Pode-se também dialogar com os alunos sobre quais técnicas vamos utilizar nas aulas. Mostrar-lhes a importância de estarmos aproveitando o período de aulas para estudar, ler, debater, resolver casos, fazer exercícios, discutir casos clínicos, participar de aulas expositivas, etc. Ajudar os alunos a perceberem que o espaço de aula não é apenas para o professor falar e o aluno ouvir, mas um tempo de ambos trabalharem para que a aprendizagem ocorra, e para tanto será necessária uma preparação de leitura e estudo fora do período de aula. As aulas, então, serão desenvolvidas com técnicas que motivem os alunos diversificando a forma de aprender, incentivem a participação, propiciem a integração do grupo, explorem a possibilidade de interaprendizagem. (MASETTO, 2003, p. 51).

Neste ponto de vista, o ambiente da sala de aula universitária sugere a felicidade e os alunos podem buscar a felicidade, mas quando se procura uma formação no ensino superior aparece uma seguinte questão: na reflexão do filósofo ateniense, às vezes “surgem desentendimentos quando o que as pessoas obtêm é algo diferente daquilo que desejam, pois é, então, como se nada tivesse obtido” (ARISTÓTELES²¹, 1987, p.159). Até mesmo porque, estudar é uma atividade muito laboriosa e, por vezes enfadonha, pois “a aprendizagem não é uma atividade que nasce espontaneamente nos alunos; o estudo muitas vezes não é uma tarefa que eles cumprem com prazer” (LIBÂNIO, 1994, p.253), então, quando isso acontece:

É o momento de envolver a classe na discussão de programação de trabalhos que poderão se realizar. Ouvir as expectativas e as necessidades dos alunos quanto ao que poderiam aprender naquela disciplina, conhecer seus interesses. Identificar a falta de motivação, demonstrar a relação da disciplina com outras do curso e com a vida profissional. (MASETTO, 2010, p.177).

²¹ EN, IX, 1, 1164a10

No pensar de Masetto (2010), ser professor se assemelha com o ser amigo, não com autoritarismo, mas com respeito mútuo. Contudo, José Carlos Libâneo acorda com Masetto na prerrogativa que “tais formas de autoritarismo – a exacerbação da autoridade – não são educativas, pois não contribuem para o crescimento dos alunos”. (LIBÂNEO, 1994, p.252).

Na argumentação de Aristóteles a amizade e a justiça se associam na própria relação de amizade expressa pelo Professor Masetto, pois um amigo não comete injustiças contra outrem, por que:

A amizade e a justiça parecem dizer aos mesmos objetos e manifestar-se entre as mesmas pessoas. Com efeito, em toda comunidade pensa-se que existe alguma forma de justiça, e igualmente de amizade; pelo menos, os homens dirigem-se como amigos aos seus companheiros de viagem ou camaradas de armas, e da mesma forma aos que se lhes associam em qualquer outra espécie de comunidade. E até onde vai a sua associação vai a sua amizade, como também a justiça que entre eles existe. (ARISTÓTELES²², 1987, p.148).

Contudo, na amizade, a atitude honesta frente ao amigo é a prática da justiça. Não se faz necessário haver leis numa relação de amizade virtuosa, pois na medida em que o amigo deseja o bem ao outro não há espaço para a injustiça. Segundo Aristóteles (1987), se a justiça preenche um espaço em branco deixado pelo fraco vínculo de amizade entre os pares, então, a amizade e a justiça são opostas e não há espaço para as duas numa mesma relação de amizade. Todavia, uma vez que, no processo pedagógico os vínculos de amizade entre o professor e o aluno se enfraquecem faz-se necessário promover a justiça, digo a legislação do regimento

²² EN, VIII, 9, 1159b25

escolar e as demais leis estabelecidas, isto é, a autoridade do professor *versus* a manifestação pueril do aluno. Para José Carlos Libâneo, na função social do professor e na interação com os alunos “podemos ressaltar (...) no trabalho docente: o aspecto cognoscitivo (...) e o aspecto socioemocional (que diz respeito às relações pessoais entre o professor e aluno às normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente)” (LIBÂNEO, 1994, p.249).

Um fator relevante para compreender a Amizade entre professores e alunos é a quantidade de amigos, como explica Baldini, “todavia, Aristóteles sustenta também que a felicidade não aumenta, pelo número dos amigos” (2000, p.15), ou seja, o professor necessita de amigos, mas é provável ser amigo apenas de alguns alunos, até mesmo, porque, a convivência na sala de aula pode ser prejudicada pelo número excessivo de amizade e vínculos, pois a amizade necessita ser espontânea. Assim como reflete o filósofo Aristóteles, “aqueles que, ao contrário, têm muitos amigos e tratam a todos com familiaridade, parecem não ser (*sic*) amigos de ninguém” (BALDINI, 2000, p.15).

2. Fundamentação Metodológica

Na perspectiva do Libâneo, o professor é uma autoridade na relação professor-aluno. A amizade entre professores e alunos têm limites que precisam ser demonstrados de forma recíproca. Todavia, a autoridade – nas palavras do Libâneo - está dividida em profissional, moral e técnica, respectivamente, em primeiro lugar, “a autoridade profissional se manifesta no domínio da matéria que ensina e dos métodos e procedimentos de ensino” (LIBÂNEO, 1994, p.252), conforme o pensamento de Paulo Freire, já citado, acerca da autoridade, em segundo lugar, “a autoridade moral é o conjunto das qualidades de personalidade do professor: sua dedicação profissional, sensibilidade, senso de justiça, traços de caráter” (LIBÂNEO, 1994, p.252), e, em último lugar, “a autoridade técnica constitui o conjunto de capacidades, habilidades e hábitos pedagógicos-didáticos e necessários para dirigir com eficácia a transmissão e assimilação de conhecimentos aos alunos.” (LIBÂNEO, 1994, p.252).

Na relação de amizade entre professor-aluno a “autoridade do professor e a autonomia dos alunos são realidades aparentemente contraditórias mas, de fato, complementares” (LIBÂNEO, 1994, p.251), até mesmo, porque ambos estão em relação e hierarquia, ou seja, não é uma amizade com limites semelhantes.

O professor – no limite da amizade - “representa a sociedade, exercendo um papel de mediação entre o indivíduo e a sociedade” (LIBÂNEO, 1994, p.251), portanto, o papel social do professor é de apresentar a cultura; a ciência; as instituições; a política; a economia; entre outros aspectos sociais ao aluno. Tal apresentação cultural necessita ser elaborada cientificamente, pois o professor é o

profissional responsável em sintetizar os elementos sociais citados de forma adequada e científica.

O professor precisa reconhecer que “o aluno traz consigo a sua individualidade e liberdade” (LIBÂNEO, 1994, p.251), reconhecer os limites individuais do aluno e até que ponto ele pode alcançar na formação acadêmica, também, promover a construção da amizade entre professor e aluno, neste aspecto, o professor como sujeito mais experiente e consciente de sua atuação social pode desenvolver a relação de reciprocidade com sabedoria.

Diante da tomada de consciência, Libâneo esclarece sobre o professor acerca dos limites da amizade como fundamental para o resultado positivo da ideia que “a liberdade é o fundamento da autoridade e a responsabilidade é a síntese da autoridade e da liberdade”. (LIBÂNEO, 1994, p.251).

Portanto, a partir dos conceitos de autoridade, de individualidade e de liberdade de Libâneo apresentados, compreende-se a perspectiva de possibilidade do educador Masetto que na:

Atitude de parceria e co-responsabilidade entre o professor e aluno visando desenvolver o processo de aprendizagem se estabelece e se fortifica mediante atitudes e comportamentos que os colocam juntos, lado a lado trabalhando pelos mesmos objetivos, como equipe de trabalho. (MASETTO, 2003, p. 50).

Pois, na dimensão do conceito de amizade, como já mencionado nas citações de Aristóteles, reconhecer o outro em seus limites ajuda a melhor compreender a amizade entre o professor e o aluno.

Na citação de Baldini (2000, p.19) o filósofo Cícero comenta que “a amizade não é fundada nem no prazer nem na utilidade, mas no amor”, assim como, “aos

amigos não é permitido pedir favores contra a moral” (BALDINI, 2000, p.19) porque o amor necessita do limite e proporciona a segurança.

A função do professor, segundo o pensar de Masetto, é “nós entendermos que o papel do professor em uma aula é de mediação pedagógica.” (MASETTO, 2010, p.175) porque a interação entre o professor e aluno “é um aspecto fundamental da organização da “situação didática”, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades.” (LIBÂNEO, 1994, p.249).

Segundo Masetto, “é o professor entendido como o profissional da educação capaz de organizar situações de aprendizagem, de fazer a gestão das condições de aprendizagem e das relações entre o grupo de aprendizes” (MASETTO, 2010, p.175) onde desenvolve e aprimora os alunos para a formação profissional.

2.1. O Professor companheiro

A função do professor, segundo Masetto, é “nós entendermos que o papel do professor em uma aula é de mediação pedagógica.” (MASETTO, 2010, p.175) porque a interação entre o professor e alunos “é um aspecto fundamental da organização da ‘situação didática’, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades.” (LIBÂNEO, 1994, p.249).

O professor pode ser um amigo e companheiro dos alunos porque “o trabalho do docente deve ter em vista a ajuda aos alunos nas suas tarefas” (LIBÂNEO, 1994, p.253) e “ser bem tratado não parece envolver trabalho, enquanto fazer bem a outrem é tarefa laboriosa” (ARISTÓTELES²³, 1987, p.167), pois a proposta de ajudar é muito trabalhosa por parte do professor. Primeiro, é necessário ter o desejo de ajudar as pessoas, segundo, esperar o outro dizer no que espécie de ajuda precisa e, por último, saber como ajudar.

O professor deve cobrar seus alunos para um melhor desempenho acadêmico, porém, “o controle sem ajuda pode provocar insegurança nos alunos, que às vezes se sentem cobrados a um desempenho para o qual não foram suficientemente preparados” (LIBÂNEO, 1994, p.253) e por consequência “a ajuda sem controle não estimula os alunos a progredir e vencer as dificuldades.” (LIBÂNEO, 1994, p.253).

²³ EN, IX, 7, 1168a20

O professor tem uma parcela de responsabilidade com a formação dos alunos que lhes são conferidos no processo de ensino aprendizagem, pois a qualidade do ensino na teoria sócio-construtivista “o único bom ensino, afirma Vygotsky, é aquele que se adianta ao desenvolvimento.” (OLIVEIRA, 1997, p.62). O professor universitário, também, precisa compreender a importância da qualidade do ensino citada para estimular a formação dos alunos, ou seja, compreender as principais teorias da pedagogia e da didática é fundamental para uma ação pedagógica assertiva.

Segundo Libâneo, há necessidade de se compreender os aspectos emocionais e afetivos – limites emocionais - da e na profissão de professor, tanto que:

Os aspectos sócio-emocionais se referem aos vínculos afetivos entre professor e alunos, como também às normas e exigências objetivas que regem a conduta dos alunos na aula (disciplina). Não estamos falando da afetividade do professor para com determinados alunos, nem do amor pelas crianças. A relação maternal e paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. Os alunos não são nossos sobrinhos e muito menos filhos. Na sala de aula o professor se relaciona com o grupo de alunos. (LIBÂNEO, 1994, p.251).

A preocupação do Libâneo refere-se à troca de papéis sociais estimulados pelo ambiente escolar, mas, também universitário, em relação ao professor. O professor, para Libâneo, não pode assumir um papel social diferente do estipulado

ao seu papel de professor, portanto, Masetto corrobora com a ideia do educador Libâneo no seguinte aspecto:

O que proponho é a relação entre professor e aluno parta da consideração de que ambos são capazes de assumir um processo de aprendizagem, que o aluno está apto a trabalhar em parceria com o professor e com os colegas para aprender. (MASETTO, 2003, p. 52).

O professor companheiro é aquele que estimula a parceria entre os alunos, também, estimula a troca de amizade entre os alunos e outros professores. Não somente promover trabalhos em grupos como habitualmente conhecemos, mas partir do pressuposto que:

A atitude de parceria e corresponsabilidade entre professor e aluno visando desenvolver o processo de aprendizagem se estabelece e se fortifica mediante atitudes e comportamentos que os colocam juntos, lado a lado trabalhando pelos mesmos objetivos, como equipe de trabalho. (MASETTO, 2010, p.177).

Então, ser um parceiro ou como o é citado no próprio subtítulo “companheiro” é de modo afirmativo “acompanhar” os alunos – assim como, o papel do pedagogo na Grécia antiga - para construir o conhecimento de todos os personagens em conjunto e formar seres humanos melhores para a sociedade.

A formação universitária envolve uma formação de trabalho profissional, segundo a professora Marta Kohl, se “tomando o surgimento do trabalho e a formação da sociedade humana, com base no trabalho, como sendo o processo básico que vai marcar o homem como espécie diferenciada” (OLIVEIRA, 1997, p.27-8), então, o professor precisa efetivamente promover o conhecimento técnico e

profissional do aluno e não se esquecer de formá-lo para ser um indivíduo político, como já aprendemos com o filósofo de ateniense Aristóteles.

Neste caso, “ao longo do desenvolvimento do indivíduo as relações mediadas passam a predominar sobre as relações diretas” (OLIVEIRA, 1997, p.27), até mesmo porque a teoria profissional e a prática profissional ocorrem quando na mediação pedagógica, o professor torna-se o companheiro mais experiente no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo nas atividades educativas que envolvem reciprocidade na alteridade.

O professor companheiro não precisa ser amigo íntimo do aluno para estimular e propagar uma amizade ou caminhar pelos corredores da Universidade na intenção de promover o conhecimento, mas precisa reconhecer a humanidade do aluno e seus reais limites no propósito de ser um real companheiro.

2.2. O Professor e o Aluno na relação recíproca de amizade no ensinar e no aprender

A seguir, nesta parte do trabalho reserva-se um espaço de reflexão em memória e respeito pela amizade. Os alunos sempre procuram professores para conversarem assuntos do cotidiano e, a conversa, às vezes, é baseada em assuntos não pertinentes ao conteúdo ensinado em aula, mas relevante para uma melhor compreensão do aluno que se apresenta na rotina do trabalho pedagógico. Porque, nas palavras de Aristóteles, “é melhor passar os seus dias com amigos e homens bons do que com estranhos ou a primeira pessoa que apareça.” (ARISTÓTELES²⁴, 1987, p.170). Conhecer os alunos é relevante para estimular o conhecimento no ambiente educacional, até mesmo porque, “a facilitação da aprendizagem significativa baseia-se em certas qualidades de comportamento que ocorrem no relacionamento pessoal entre o facilitador e o aprendiz.” (ROGERS, 1969, p.111).

O pensador Carl Rogers cita alguns relatos referentes aos aspectos emocionais envolvidos na relação entre os professores e alunos, por exemplo:

Exatamente para mostrar que os sentimentos positivos, quando reais, são igualmente eficazes, citemos, em resumo, a reação de um universitário, num curso diferente: (...) o seu senso de humor na classe foi estimulante; todos nos sentimos descontraídos porque o senhor mostrou o seu modo de ser humano, não a imagem mecânica do professor. Sinto-me como quem tem mais compreensão e confiança nos professores, agora... Também, me sinto mais próximo dos colegas. (ROGERS, 1969, p.114).

²⁴ EN, IX, 9, 1169b20

Carl Rogers cita outro exemplo e continua na sua explanação acerca dos exemplos possíveis sobre alunos que relatam alguns aspectos referentes ao trabalho docente em sala de aula:

Diz um outro: (...) o senhor levou a classe a um nível pessoal e, portanto, pude formular, no espírito, um retrato seu, como pessoa, não como um mero livro-de-texto ambulante. (ROGERS, 1969, p.114).

Outro no mesmo curso que é citado por Carl Rogers:

(...) Não era como se houvesse um professor na sala de aula, mas, antes, alguém em quem podíamos confiar e a quem identificar como um “participante”. O senhor era tão compreensivo e sensível a nossas ideias que tudo se passava de modo mais “autêntico” para mim. A impressão era de uma experiência “autêntica”, não exatamente de uma aula. (ROGERS, 1969, p.114).

Os exemplos podem ser os mais variados assuntos, tais como: conversas referentes a namoros que não deram certo porque houve traição, brigas ou desentendimentos, ou até mesmo os conflitos familiares.

Outros exemplos, de alunos que procura o professor para lhe contar a respeito de sua namorada e como foi a sua primeira experiência afetiva entre eles. Algumas vezes, alunos procuram o professor para dizer que sua família não o entende. Brigou com o pai ou com a mãe logo cedo e precisa contar a alguém e a pessoa mais próxima dele naquele momento é um professor.

Segundo Aristóteles, “a amizade também ajuda os jovens a afastar-se do erro” (ARISTÓTELES²⁵, 1987, p.139) e, portanto, o professor precisa aconselhar os jovens em alguns momentos na intenção de apontar um caminho possível ou alternativo frente aos problemas da vida.

Para Rogers, é importante reconhecer os alunos como seres humanos e promovê-los como tais, pois,

A atitude de estar na situação do outro, de ver pelos olhos do aluno, quase não se encontra numa sala de aula. Pode-se dar atenção a centenas de interações que usualmente ocorrem numa sala de aula, sem deparar com uma instância de compreensão empática, claramente comunicada, sensivelmente exata. Mas quando essa ocorre, verifica-se um enorme efeito de libertação. (ROGERS, 1969, p.117).

Outro aspecto relevante, explica Carl Rogers, fundamenta que a relação de amizade entre professor e aluno necessita de transparência de ambos os personagens, até porque, pode dar certa a amizade por causa da transparência, ou seja, o “ser em si” mesmo, e,

Talvez a mais básica dessas atitudes essenciais seja a condição de autenticidade. Quando o facilitador é uma pessoa real, se se apresenta tal como é, entra em relação com o aprendiz, sem ostentar certa aparência ou fachada, tem muito mais probabilidade de ser eficiente. (ROGERS, 1969, p.112).

²⁵ EN, VIII, 1, 1155a10

Carl Rogers prossegue na sua argumentação a respeito dos sentimentos e das emoções humanas, da seguinte forma:

Isto significa que os sentimentos que experimenta estão a seu alcance, estão disponíveis ao seu conhecimento, que ele é capaz de vivê-los, de fazer deles algo de si, eventualmente, de comunicá-los. Significa que se encaminha para um encontro pessoal direto com o aprendiz, encontrando-se com ele na base de pessoa-a-pessoa. Significa que está sendo ele próprio, que não se está negando. (ROGERS, 1969, p.112).

O grau de transparência esperado, na teoria de Rogers, é difícil de alcançar, pois, “ser autêntico, ou honesto, ou congruente, ou real, significa ser dessa maneira em relação a si próprio” (ROGERS, 1969, p.118) e, não obstante, é fundamental uma verdadeira autoanálise, pois “não posso ser real para com o outro, porque não sei [o] que é real para ele. Só posso dizer – se quero ser verdadeiramente honesto – o que se passa em relação a mim” (ROGERS, 1969, p.118), todavia, há uma grande dificuldade de ser autêntico para si próprio. Assim,

Na verdade, atingir a qualidade de real é, as mais das vezes, difícil, e, mesmo quando se quer ser, de fato, autêntico, isto só raramente ocorre. Não é, certamente, mera questão de palavras e não ajudará muito alguém considerar judicioso o uso de uma fórmula verbal, que soa como participação de sentimentos. Tratar-se-á, exatamente, de outro aspecto de disfarce, de falta de autenticidade. Só aos poucos aprenderemos a ser verdadeiramente reais. (ROGERS, 1969, p.119).

Um aspecto fundamental no relacionamento interpessoal entre o professor e o aluno baseia-se na transparência do professor na convivência de amizade, pois neste ponto, Carl Rogers sugere que:

Considerando desse ponto de vista, sugere-se que o professor pode ser uma pessoa real, nos contatos com seus alunos. Será entusiasta ou entediado, interessado nos alunos ou irritado, será receptivo e simpático. Se aceita tais sentimentos como seus, não precisa impô-los aos alunos. Para gostar ou não do trabalho do estudante, sem que isso implique ser, objetivamente, bom ou mau professor, ou que o estudante seja bom ou mau. Simplesmente diz o que pensa do trabalho, sentimento que existe no seu interior. É, assim, para seus alunos, uma pessoa, não a corporificação, sem feições reconhecíveis, de uma exigência curricular, ou o canal estéril através do qual o conhecimento passa de uma geração à outra. (ROGERS, 1969, p.112).

Portanto, ser transparente significa ser autêntico, porém, faz-se necessário pensar nas condições do bom senso e da ética no trato com os alunos. Ser educado é fundamental para se construir uma relação de amizade harmoniosa.

Entrementes, “o professor trata de estabelecer certo clima na sala de aula, certa qualidade de relacionamento pessoal com seus alunos, que lhes permita desfrutar dessas tendências naturais.” (ROGERS, 1969, p.119), porém, alguns alunos se aproximam do professor para garantirem uma boa nota, outros para conseguirem privilégios de saída ou entrada da sala de aula, ou ainda para serem promovidos e/ou elogiados pelo professor, contudo, tais comportamentos são comuns na relação de amizade entre os professores e alunos.

Há situações na qual o professor elege um aluno destacado líder para ser seu ajudante na turma e, assim, ganhar pontos e disciplina. Outras situações o professor

escolhe o aluno com maior inteligência no seu componente curricular para ser auxiliar de turma e promovê-lo a observador.

A preocupação com as notas finais são comentadas repetidas vezes e pode ser de um professor em especial ou de outro professor que o aluno não tem intimidade. Há muita aproximação dos alunos em relação aos professores meramente por motivos de empatia ou até mesmo por interesse.

Um aspecto a ser observado é a aproximação do aluno em relação ao professor por ele ter amizade dos outros professores. Também, se aproximar do professor por ele ter influências políticas, empregatícias, administrativas, entre outras influências tidas por necessárias.

Portanto, como já citado acima, Aristóteles (1987) aponta as três espécies de amizade entre as pessoas, a saber: por virtude, ou por interesse, ou por prazer, e essas espécies de amizade despontam na relação de amizade entre professor e aluno.

As disposições das carteiras escolares na sala de aula podem significar uma aproximação entre professor e aluno. Se sentar próximo ao professor pode significar segurança, afeto e amizade, mas também, pode significar insegurança, desafeto e inimizade. Nesta situação, Carl Rogers comenta a atuação do professor:

Considerando o problema de outro ângulo, Schmuck (1963) mostrou que, nas salas de aula em que os alunos percebem que os professores os compreendem, há a probabilidade de que, entre os primeiros, se verifique uma estrutura mais difusa de apreciação. Isto quer dizer que, quando há empatia por parte do professor, não ocorre a presença de alguns alunos muito estimados e outros pouco estimados mas o apreço e o afeto são mais uniformemente difundidos por todo o grupo. (ROGERS, 1969, p.123).

Portanto, professores amigos com ações positivas valoram o ambiente escolar e estimulam o senso afirmativo da justiça.

Entretanto, o mais comum e, “é usual, entre os professores, mascararem-se, até conscientemente, adotarem o papel, a fachada de quem se faz de professor, e usarem o disfarce todo o dia, só o tirando, à tardinha, quando saem da escola.” (ROGERS, 1969, p.112).

Podemos entender a amizade como um assunto complicado de se pensar num ambiente escolar universitário, também, a tentativa de estabelecer vínculos de amizade entre professores e alunos parece utopia no magistério, mas Carl Rogers apresenta uma alternativa possível para uma reflexão da prática pedagógica dos professores, assim:

Alguns leitores podem achar que o modo global de encarar o tema deste capítulo – a convicção de que os professores podem relacionar-se, como pessoas, com os seus alunos – é irremediavelmente irrealista e idealista. Podem ver que, em essência, se trata de encorajar tanto professores quanto alunos a serem criativos no seu relacionamento uns com os outros e com a matéria em estudo e podem achar que atingir tal objetivo é praticamente impossível. Nesse modo de ver não estão sozinhos. Já ouvi especialistas de importantes escolas de ciência e eruditos de importantes universidades argumentarem que é absurdo tentar estimular todos os estudantes a serem criativos – precisamos é de uma multidão de técnicos e de trabalhadores medíocres e, se uns poucos cientistas, artistas e líderes criativos emergem, isto já será o bastante. Pode ser o bastante para eles. Pode ser o bastante para convir a este ou aquele. Quero ir ao extremo de afirmar que não é o bastante para mim. (ROGERS, 1969, p.128).

Rogers continua sua argumentação na proposta de fomentar uma nova postura do docente em relação à amizade entre eles e os alunos, então,

Quando me capacito do inacreditável potencial do estudante comum, quero tentar a sua libertação. Estamos trabalhando, duramente, para libertar a incrível energia do átomo e do núcleo do átomo. Se não dedicarmos igual esforço – sim, e igual dinheiro – à libertação do potencial de cada indivíduo, então, a enorme discrepância entre o nosso nível de recursos de energia física e dos recursos da energia humana fadar-nos-á uma universal e merecida destruição. (ROGERS, 1969, p.128).

Na compreensão de Carl Rogers, ele sinaliza a importância da relação interpessoal entre Professores e Alunos:

Lamento não poder ser friamente científico a esse respeito. O problema é urgente demais. Só posso ser apaixonado na minha afirmação de que a pessoa humana tem de ser levada em conta, que relações interpessoais importam muito, que sabemos algo sobre a libertação do potencial humano, que podemos aprender muito mais, e que, se não dermos atenção intensamente positiva ao lado humano interpessoal do nosso dilema educacional, a nossa civilização estará a caminho da exaustão. Melhores cursos, melhores currículos, abrangência mais ampla, melhores máquinas de ensino jamais resolverão o nosso dilema, na sua base. Somente as pessoas atuando como pessoas, no seu relacionamento com os alunos, podem eventualmente começar a produzir certa abertura no mais urgente problema da moderna educação. (ROGERS, 1969, p.128).

Por fim, o professor tem por necessidade estimular no aluno um aprofundamento do processo educativo, uma troca de experiências aponta uma possibilidade de enriquecer as experiências humanas mais fundamentais. O ensinar

e o aprender somente podem ser possíveis se houver a existência de ambos os personagens envolvidos: PROFESSOR e ALUNO.

A solução de Rogers fundamenta-se na relação de transparência e sinceridade por parte de ambos. Sem este pré-requisito – sinceridade e transparência - a amizade não se torna Virtuosa como requisitaram os filósofos citados do Mundo Antigo. Portanto, como afirma Aristóteles (1987), a AMIZADE VIRTUOSA exige uma relação entre pessoas virtuosas e que promovem o Bem Comum.

II. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área da educação nos últimos anos tem avançados em determinados campos da pesquisa científica e ninguém pode negar a imensa gama de artigos, livros e periódicos publicados nesta área do conhecimento. Em contrapartida, HÁ UMA carência NA formação EPISTEMÓLOGICA E PEDAGÓGICA dos professores na área da educação; até parece que quanto mais temos conteúdos pedagógicos menos leitores de pedagogia se tem na formação profissional de professores.

Para compreender a formação de professores faz-se necessário conhecer algumas teorias educacionais e todavia, o desejo de entender o processo de amizade entre professores e alunos no decorrer da formação profissional.

A compreensão do conceito de amizade é muito relevante no que se refere à condição humana, pois a amizade conforme apresentada por Aristóteles, indica verdadeiramente uma amizade baseada em vínculos. Portanto, é na vivência em sociedade que se encontram amigos e nas mais variadas diferenças culturais. O filósofo ateniense Aristóteles, desenvolveu esta temática de modo muito significativo nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco* (1987) também, edificou a clássica reflexão filosófica acerca da amizade.

Na sociedade as pessoas se associam e se dissociam uma das outras numa dinâmica política (MARCONI E PRESOTTO, 2010), também, a sociedade envolve muitas instituições políticas na qual promovem a harmonia e garantem a segurança das pessoas.

O ensino superior está inserido na sociedade e é uma instituição alicerçada no relacionamento entre as pessoas que a ela pertencem. Segundo a professora

Regina Haydt (2003, p.13), a educação é uma dimensão intrínseca aos seres humanos, mas que somente acontece nas relações humanas que estão fundamentadas em sociedade.

O professor e/ou educador consciente de seu trabalho pode se aproximar de seus alunos na intenção de estabelecer uma relação de amizade e contribuir para uma melhor qualidade no ensino.

No decorrer desse trabalho, esclareceu-se que professor tem autoridade e precisa exercê-la sempre, entretanto, de forma consciente e não autoritária. Na ocasião, Paulo Freire (1996, p.91), reforça a ideia que a autoridade não pode se confundir com autoritarismo, isto é, o conhecimento é liberdade e não opressão. O conhecimento nos liberta da ideologia e da dependência intelectual. (LIBÂNEO, 1994, p.251).

Refletiu-se sobre a formação profissional no ensino superior ser de forma agradável e harmoniosa no que se refere à construção do conhecimento. A boa convivência estimula o Bem comum e se identifica com a felicidade de todos os participantes porque somente existe a amizade onde se encontra o deleite das coisas em comum. (ARISTÓTELES, 1987, p.144).

O Professor companheiro compreende-se na pessoa incentivadora do bem e da constituição do ser, então, ressaltar a importância do par mais experiente no processo educativo implica a construção de uma educação de qualidade para todos aqueles partícipes desse processo.

Na sistematização deste trabalho científico, o Professor e o Aluno na relação recíproca de amizade - no ensinar e no aprender -, procuramos contemplar as noções de amizade, porém, com os limites reais. Portanto, a partir da reflexão

acerca da amizade resplandeceu uma nova perspectiva sobre as ideias implícitas de uma construção de amizade dentro do processo pedagógico.

E nas palavras de Masetto “o que proponho é a relação entre professor e aluno parta da consideração de que ambos são capazes de assumir um processo de aprendizagem, que o aluno está apto a trabalhar em parceria com o professor e com os colegas para aprender” (MASETTO, 2003, p. 52), porque o processo pedagógico visa a alcançar o bem comum, assim como, no comentário do filósofo grego Aristóteles “devemos desejar-lhes o bem no interesse deles próprios. Mas aos que desejam bem dessa forma só atribuímos benevolência, se o desejo não é recíproco; a benevolência quando recíproca, torna-se amizade”. (ARISTÓTELES²⁶, 1987, p.140).

A referida pesquisa a respeito da amizade abrangeu duas concepções teóricas da psicologia da educação, que a princípio são contraditórias –, a saber: o sócio construtivismo e o construtivismo. Respectivamente, o sócio construtivismo baseado na concepção de Vygotsky e seus comentadores e o construtivismo baseado na concepção de Piaget e seus comentadores. Porém, as duas teorias foram utilizadas para compreender que a amizade entre o Professor e o Aluno abrange as diversas teorias e faz-se necessária uma devida atenção na pesquisa.

Entretanto, outros autores foram utilizados para que se fosse compreendido - nas teorias educacionais – a relevância teórica e prática da relação de amizade entre o Professor e o Aluno. Todavia, pergunta-se: O ser humano tem necessidade de amigos para ser feliz ou pode deixar de tê-los? Aristóteles, responde afirmando para nós professores: ***Que a felicidade de per si pressupõe a Amizade!***

²⁶ EN, VIII, 2, 1155b30

III. Referência Bibliográfica

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4º ed. São Paulo: Nova Cultura (Os Pensadores), 1987.

BALDINI, Massimo. (org.) **Amizade & Filosofia**. Bauru: Edusc, 2000.

CÍCERO, Marcus Tullius. **Diálogo Sobre a Amizade**. Internet Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <http://www.utm.edu/research/iep/> acesso em: 20/12/2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

KONSTAN, David. **A Amizade no Mundo Clássico**. Trad. Márcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCONI, Maria de Andrade. PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: Uma Introdução**. São Paulo: Atlas, 2010.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competências Pedagógicas do Professor Universitário**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MASETTO, Marcos Tarciso. **O Professor na Hora da Verdade**. São Paulo: Avercamp, 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento – Um Processo Sócio-Histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

ROGERS, Carl Ransom. **Liberdade para Aprender**. 4ª edição. Belo Horizonte: Interlivros, 1969. (trad. Edgar Godoi da Mata Machado e Márcio Paulo de Andrade, 1977).

TEIXEIRA, Carlos A. F. **A Amizade em Aristóteles, Cícero e Agostinho - Uma Influencia no Caminho**. São Paulo: USJT, 2010. (Iniciação Científica-PVIC).